

Entre trajetórias e cotidianos, o desenhar de um campo de ação: reflexões metodológicas sobre a produção de narrativas

From trajectories and everyday lives, the drawing of a field of action: methodological reflections about narratives production.

Leandro R. Pinheiro

leandropinheiro75@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FAcEd/UFRGS

Maria Clara Bueno Fischer

clarafis@cpovo.net

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FAcEd/UFRGS

Submetido em 12/12/2012

Resumo

Os argumentos deste artigo partem do diálogo com educadores sociais atuantes numa organização não governamental, em Porto Alegre/RS, enfatizando, aqui, as inferências teórico-metodológicas. Por intermédio da construção de narrativas, foram produzidas compreensões singulares sobre trajetórias pessoais e contextos de ação, no intuito de aportar informações sobre as relações que constituem um campo de ação mais amplo, o espaço social de educação-assistência. Amparada nas contribuições de Pierre Bourdieu, Marie-Christine Josso e Alberto Melucci, a pesquisa elenca provocações para se refletir sobre as interações parte-todo no cotidiano desde a produção de interpretações subjetivas e tomadas de posição. As proposições deste artigo aproximam-se, ademais, à ambiência de circulação crescente de informações e pluralidade de filiações vivenciadas pelos sujeitos na atualidade, aventando a hipótese de que este contexto os dispõe a escolhas, renúncias e contrastes que intensificam dinâmicas reflexivas identitárias em suas práticas cotidianas, valorizando o narrar como artifício formativo.

Palavras-chave: Narrativas. Cotidiano. Tomadas de posição. Campo de ação.

Abstract

The arguments come from the dialogue with social educators who act in a Nongovernmental organization in Porto Alegre/RS, highlighting theoretical and methodological inferences at this point. Through construction of narratives, it has found singular understandings

about personal trajectories and action contexts that, on the other hand, pointed out information about the relations that consist in a wider action field – the assistance-education social space. The main references are the theoretical contributions by Pierre Bourdieu, Marie-Christine Josso and Alberto Melucci. Thus, position-taking brought up stimulating points to consider the possibilities of viewing part-whole interactions that emerge from the everyday. This paper's propositions are based on the raising use of information and multiple affiliations experienced by the subjects nowadays, which suggest the hypothesis that this context rules them to their choices, disclaimers and contrasts that intensify reflexive processes of identity in their daily routine practices, valuing the narrative as a training practice.

Keywords: Narratives. Everyday-life. Position-taking. Field of action.

1. Introdução

A intencionalidade que motiva a escrita deste artigo resgata inquietações epistemológicas e aprendizagens de uma caminhada investigativa. Embuídos do propósito de trazer provocações acerca das potencialidades de uma pesquisa reflexiva, abordaremos inferências construídas em campo, produzidas no curso de uma trajetória de tensionamentos teórico-metodológicos, que consolidamos na compreensão das noções de 'cotidiano', 'narrativa' e 'campo de ação'.

As situações de utilização crescente de informações e de pluralidade de filiações vivenciadas pelos sujeitos na atualidade caracterizam o contexto que ambienta nossas análises. Ao final de um processo de pesquisa, consideramos a hipótese de que este ambiente

dispõe o sujeito a escolhas, renúncias e contrastes que intensificam dinâmicas reflexivas identitárias em suas práticas cotidianas, valorizando a narrativa como artifício formativo. Apoiando-nos, então, em referentes como Bourdieu (1996; 2000), Josso (2004), Melucci (2001) e Morin (1982; 1999; 2001), dentre outros, procuramos discutir o lugar da ‘narrativa’ e do ‘cotidiano’ na produção de interpretações e tomadas de posição, para problematizar suas potencialidades na investigação qualitativa.

As argumentações que propomos neste artigo partem de releitura das elaborações de pesquisa realizada de 2005 a 2010, direcionada à interface entre ‘educação e trabalho’ num espaço social distinto dos que usualmente são abordados nesta área, a saber a realidade de trabalhadores em ambientes corporativos empresariais, empreendimentos econômicos solidários e/ou iniciativas formais de profissionalização. Em contraste, a imersão em campo se deu entre as atividades de 25 educadores sociais de organização não governamental (ONG) voltada ao atendimento de crianças e adolescentes, em Porto Alegre, estendendo-se ainda para consultas no bairro e na cidade.

Resultaram deste itinerário investigativo proposições teórico-metodológicas que observamos como contribuições às investigações apoiadas na construção de narrativas, uma prática de pesquisa com produção já reconhecida na área de educação.

Neste sentido, delinearemos uma tomada de posição, abordando a noção de ‘cotidiano’ e a relevância que atribuímos a mesma agora, tempo depois de termos finalizado tal processo de pesquisa. Em seguida, analisaremos opções teóricas feitas no percurso e nossa interpretação sobre a produção de narrativas, destacando, desde o itinerário em campo, alguns artifícios heurísticos produzidos.

2. Cotidiano e pesquisa: uma possibilidade, uma tomada de posição

Propomos situar a importância do ‘cotidiano’ como lugar de produção de saberes e interpretações significativos à formação de sujeitos sociais e, neste sentido, considerá-lo como um contexto de produção de sentidos a fundamentar epistemologicamente nossas pesquisas em educação. Este que é disposto como ponto de partida em nossa análise, consolidou-se ao final do trabalho investigativo e propõe certa ambiência ao processo vivenciado.

A noção de ‘cotidiano’ situa, primeiramente, a busca por uma pesquisa reflexiva, voltada à compreensão das relações sociais como construções dos sujeitos (desde seus lugares de ação e filiação), onde engendram posicionamentos singulares constituídos e tensionados pela reprodução de práticas e discursos histórico-sociais. Assinala nosso ponto de partida em busca de investigações sensíveis aos saberes e interpretações que as pessoas produzem na organização de seus espaços de trabalho, considerando a ‘autoria’ dos sujeitos com quem dialogamos em campo antes de estabelecermos categorizações.

Esse intento, por seu turno, organiza-se na aproximação a aportes teóricos que sinalizam para a existência de pelo menos duas condições intervenientes na sociedade contemporânea, passíveis de influir na investigação. A saber: a multiplicidade de filiações sociais a incidir na formação dos sujeitos no presente; e a reflexividade crescente das pessoas na construção de suas identidades.

A multiplicação de pertencimentos culturais e o descentramento de estruturas que antes gozavam de certa estabilidade na formação das pessoas, como são exemplo a escola e o emprego, interpõem a ampliação das possibilidades de vinculação social e dos apelos identitários,

provocando uma pluralização da produção de sentidos. Falamos de situações frequentes de escolha e renúncia dada pela variedade crescente de circunstâncias que interpelam os sujeitos por uma opção a respeito do que preferem, gostam e podem alcançar, potencializando autodelimitações subjetivas regulares frente ao número de opções, em geral, superior ao realizável ou acessível às pessoas (CASQUETTE, 2001).

Neste caso, Melucci (2001) traz uma análise provocativa. O autor menciona que a sociedade contemporânea vive o paradoxo de intensificar simultaneamente o estímulo às práticas autonomizantes e a ampliação dos artifícios de controle, de maneira que os sujeitos vivem suas experiências na disputa por caracterizarem sentidos para suas práticas, narrando sistematicamente suas identidades.

Nesse ínterim, a socialização poderia ser problematizada como um processo que integra a ação de estruturas e categorias definidas no sistema, mas também a interpretação dos sujeitos a partir do contraste de seus pertencimentos múltiplos, potencializando descentramento das normatizações e certas reorientações de conduta (DAYRELL, 2002). Neste contexto situamos as palavras de Melucci (2005):

Uma outra dimensão crucial da sociedade contemporânea é a importância da vida cotidiana como espaço no qual os sujeitos constroem o sentido de seu agir e no qual experimentam as oportunidades e os limites para a ação [...] Na vida cotidiana, os indivíduos constroem ativamente o sentido da própria ação, que não é mais somente indicado pelas estruturas sociais e submetido aos vínculos da ordem constituída. O sentido é sempre mais produzido através de relações e esta dimensão construtiva e relacional cresce na ação para as dimensões

culturais da ação humana e acentua o interesse e a importância da pesquisa de tipo qualitativo. (p. 29)

Narraremos na seqüência os passos dados na elaboração recursiva de ferramentas para a pesquisa junto a educadores sociais, trabalhadores de uma organização não-governamental. A escrita está organizada partindo do desenho de uma intencionalidade teórica à efetivação de técnicas em campo, instigada pelo contexto que acabamos de comentar.

3. Escolhas em processo: opções teóricas na caminhada

Considerando que a investigação voltava sua atenção para a formação de trabalhadores sociais, detivemo-nos particularmente à noção de ‘auto-eco-organização’ (MORIN, 2001), por entendermos que esta poderia nos inspirar numa análise das trajetórias e ações dos sujeitos. Tal inspiração careceu de apoio ao longo de nossa pesquisa, pois tão só pelo princípio auto-eco-organizativo não vislumbrávamos instrumentos para análise das relações entre trajetórias e ações cotidianas, ou entre produções coletivas e reorganizações subjetivas.

O corpo teórico-metodológico passou a ser desenhado na articulação e no contraste de abordagens já conhecidas e leituras novas, sugeridas pela permanência em campo e pelas interações com colegas acadêmicos. Nesta caminhada relemos Bourdieu (1996; 2000) apropriando-nos muito de suas elaborações sobre as relações de poder e destacando, também, seus argumentos a respeito da relação socialmente produzida entre campo e agente social. Procuramos questionar e relativizar, porém, a interpretação demasiado estruturalista que exercíamos; interessava-nos refletir sobre a interação ‘sujeito-contexto’ e

‘sujeito pesquisado-sujeito pesquisador’, perguntando-nos pelas reconstruções individuais e coletivas de discursos sociais, engendrando questões sobre as possibilidades de autonomia e criatividade social.

O aporte de Marie-Christine Josso (2004) nos apoiou neste sentido. A autora, investigando as experiências formadoras, falava-nos de depoimentos de pessoas que narravam suas trajetórias auto-definindo-se no presente, mediante a interpretação do passado com vistas a projeções de futuro. As elaborações individuais comentadas pela autora expressavam interpretações pautadas em categorias sociais datadas, mas organizadas de maneiras singulares, próprias.

E então, ao final da pesquisa, tomamos conhecimento das contribuições de Alberto Melucci (2001). Já de posse de entrevistas e alguns meses de imersão em campo, o texto deste autor nos apresentou o lugar da narrativa nas relações sociais contemporâneas: narrar como exercício de construção identitária, de auto-delimitação regular frente a um contexto social que interpunha apelos, escolhas e renúncias de maneira freqüente. Aqui também poderíamos refletir sobre as potencialidades de uma ação criativa e autônoma, passível de aproximação às elaborações de Morin (2001).

No desenhar de um posicionamento investigativo aberto aos entrelaçamentos e criatividade do coletivo de trabalhadores, a ‘narrativa’ se constituiu, então, como uma categoria metodológica para analisarmos entrevistas e práticas cotidianas. O conjunto de depoimentos e ações de um sujeito era visualizado como uma tomada de posição que engendrava uma interpretação de seu contexto e mundo, como um todo explicativo fundante para este mesmo sujeito, ainda que possamos reconhecer a provisoriedade de seus posicionamentos.

Além disso, os usos metodológicos da ‘narrativa’ condensam um refletir epistemológico, atento às interpretações produzidas no cotidiano,

reconhecendo as possíveis singularidades das construções subjetivas. Em alguma medida, o sujeito ocupa a condição de autor socialmente situado, interpondo a nós acadêmicos questões sobre o lugar de onde observamos, analisamos, agimos, conforme inspira Ianni (2004).

Transitar por referenciais diferentes tem sido inclusive um exercício de bricolagem semelhante ao visualizado nos diálogos com os educadores sociais, e também encerra um exercício de autonomia relativa.

Assim, compreendemos que, num contexto de narrativas múltiplas, o ato de narrar pode ser um artifício metodológico relevante e uma provocação epistemológica apropriada aos contextos sociais que vivenciamos atualmente. Enunciar realidades pode ser também uma maneira de intervir, ao interpor interpretações distintas junto a sujeitos, se estes tenderem à reflexividade na organização de seus cotidianos.

4. Para narrar tomadas de posição: articulações teóricas e pistas metodológicas

A noção de auto-eco-organização instigou-nos a considerar as vivências construídas pelo sujeito como parte histórica de si (numa trajetória) e como auto-delimitadoras da interpretação. Isto é, o que se conta agora é parte de uma forma de estar na relação com os outros construída no correr da vida, mas acionado conforme me auto-eco-organizo no presente.

[...] a interpretação narrativa e espontânea do itinerário de vida comporta uma dimensão imaginária, porque se trata de uma releitura do passado na ótica do questionamento, dos projetos, dos desejos e das perspectivas de

vida inscritas no presente, no passado e nas projeções, mais ou menos conscientes de um futuro próximo ou longínquo [...] (JOSSO, 2004, p. 253)

O que narramos sobre nós seria resultado de um tensionamento entre o que aprendemos em nossas circunstâncias de vida e o esforço de afirmação de nossa identidade, numa produção auto-referente. Agir, refletir, contar são construções de um sujeito que vive conhecendo-se e reconstruindo-se nas relações, de maneira que a formação é movimento de reorganização de pressupostos, valores de conduta e vínculos com discursos sociais.

[...] a recordação-referência pode ser qualificada de experiência formadora, porque o que foi aprendido (saber-fazer e conhecimentos) serve, daí para frente, quer de referência a numerosíssimas situações do gênero, quer de acontecimento existencial único e decisivo na simbólica orientadora de uma vida (JOSSO, 2004, p. 40)

Conforme argumentamos, a análise da formação considera a elaboração presente que o sujeito faz sobre sua trajetória. Mas, de maneira complementar, procuramos observar ainda as práticas integradoras às instâncias concretas dos contextos de atuação, como constituintes da formação e tensionadores das narrativas construídas pelos trabalhadores. E, neste caso, apoiamo-nos nas contribuições de Bourdieu (1996; 2000) acerca das ‘condições objetivas’ e das ‘relações de poder’ que constituem o processo formativo.

Esse autor nos fala de certa “relação encantada com um jogo que é o produto de uma relação de cumplicidade entre as estruturas mentais

e as estruturas objetivas do espaço social” (Bourdieu, 1996, p. 139-140), referindo a ligação entre sujeitos e campo de ação. Apropriando algumas de suas elaborações, sentimo-nos autorizados a conceber a narrativa, de um lado, como depoimento pessoal, contrastante com informações percebidas do contexto mais amplo, e, de outro, como expressão de discursos sociais, integrando as condições de poder.

Então, num ‘alargamento’ de nossas categorias, mantivemos noções aportadas pelo autor que nos lembrassem de nossos laços com o contexto e com as relações de poder, como é exemplo a expressão ‘tomada de posição’. A partir do contraste entre as narrativas pessoais e destas com nossas próprias leituras da realidade, identificávamos as condições sociais de produção coletiva e histórica do lugar que vivenciávamos juntos, pesquisadores e pesquisados, visando um sistema explicativo (e interpretativo) da formação daqueles educadores sociais.

Quase já ao final do processo investigativo então, passamos a conceber a narrativa que expomos aqui, tomando as interpretações e as tomadas de posição dos sujeitos como construções singulares a partir do que se apreende dos contextos de atuação. Nossas elaborações, como um conjunto articulado de saberes, configurariam explicações significativas, fundamentais para as ações que impetramos no cotidiano que vivenciamos; seriam, assim, expressão contingente de uma formação em processo.

4.1. Em campo, pesquisar narrativas e esboçar um campo de ação

Acreditamos que uma construção “passo a passo” das interações, articulada a uma escolha gradual das técnicas de coleta, colaborou para uma interação mais dialógica. Desta forma, decidimos adotar como vetor de ação seguirmos da imersão em campo para a busca de dados

gerais, relativos ao contexto sócio-histórico da ONG: problematizávamos acontecimentos significativos para os educadores mediante leituras sobre a história e realidade do bairro e da cidade de Porto Alegre, ou do campo educativo-assistencial.

A organização onde se concentrou nosso trabalho de pesquisa, o Centro de Promoção da Criança e do Adolescente (CPCA), atua na região da Lomba do Pinheiro, bairro em condições de infraestrutura e de serviços públicos precárias, cuja população apresenta reduzidos níveis de escolaridade e renda. A instituição fundada por franciscanos educa e presta assistência a aproximadamente 500 pessoas, mediante convênios com a prefeitura municipal.

A ONG convidada para a investigação foi selecionada em função de características que a trajetória investigativa já acumulada nos indicava. Era preocupação tomar uma organização que compusesse um holograma¹ do todo que havia elaborado até aquele momento, para que pudesse criar uma narrativa passível de diálogo com outras realidades pesquisadas. Assim, o estudo de caso pressupõe, aqui, algum conhecimento do “estado da arte”, integrando-se à produção científica sobre o assunto em análise.

Resumindo algumas características analisadas em campo, poderíamos apresentar exemplos de elementos empíricos que nos provocaram a elaborar a narrativa deste artigo:

Estávamos numa organização assistencial-educativa de origem franciscana, onde visualizávamos a valorização simbólica do catolicismo, e na qual poderíamos supor certa orientação à formação religiosa institucional. Esta ocorria, porém, imersa em conflitos (mais ou menos explícitos) quanto ao credo professado, ou mesmo entre interpretações/apropriações subjetivas diversas do ideário de São Francisco de Assis;

As oportunidades de convívio com os educadores sociais em âmbitos distintos do trabalho (festas, confraternizações, jogos, etc.) demonstravam filiações diferentes e que, muitas vezes, contrastavam com comportamentos quando da condição de educador social, relativizando influências que pudéssemos supor na relação ‘trabalho-educação’ para a identidade daqueles trabalhadores;

Os inúmeros apelos e informações administrados a cada dia de trabalho pelos educadores se destacavam pela quantidade e também pela diversidade. Registros e planilhas de vários órgãos de fomento (públicos e privados), solicitações urgentes de familiares ou demandas de educandos, inserções políticas comunitárias, disputas veladas com a rede de tráfico de drogas, entre outros fatores, compunham a intensificação do trabalho desde a multiplicidade de interações e encaminhamentos administrativos, políticos, emocionais, educativos.

Na continuidade, abordaremos alguns dos procedimentos produzidos em campo, visando dar exemplos das tomadas de posição explicitadas até o momento, destacando mudanças de “rumo” e reinterpretações que fizemos do uso de algumas técnicas.

4.1.1. Buscando diálogos

Adotamos duas orientações centrais que, consideradas nas suas articulações, trouxeram alterações de curso e certa inventividade ao processo investigativo em direção ao reconhecimento das interpretações que os sujeitos postulavam a respeito de seu contexto de trabalho.

Em primeiro lugar, destacaríamos que a busca de uma imersão em campo, com presença regular entre as atividades de educadores sociais, visando conhecer rotinas, problemáticas, conversas, afeições e amizades no curso das atividades educativas realizadas na

organização. Não tínhamos técnicas de coleta definidas a priori; a partir dos primeiros meses de observação, fomos elencando e criando possibilidades para o diálogo (entrevistas, reuniões, diagramas, participação em serviços institucionais).

A segunda orientação trouxe inferências heurísticas, apoiando a imersão nas práticas de educadores. Sistemáticamente, as notas em diário de campo foram alvo de uma espécie de meta-análise, no intuito de criticar e reorganizar a caminhada de pesquisa. Entendemos que, assim, aproximávamo-nos de uma auto-análise de nossas inferências e explicações (conforme sugere MORIN, 1999). Várias reorientações no uso de técnicas, visando a narrativa dos sujeitos, surgiram neste processo.

A permanência em campo se desenrolou inicialmente com a observação das práticas diárias na ONG, da qual decorreram entrevistas com educadores sociais ao cabo de quatro meses de interação. Após uma sistematização preliminar, a investigação seguiu com a continuidade da imersão e observação, acompanhada da devolução de transcrições, construção individual e coletiva de diagramas e novas entrevistas, ampliando as consultas para lideranças comunitárias do bairro e técnicos de assistência da cidade.

Esses procedimentos, descritos de maneira seqüencial e resumida, foram definidos ao longo da caminhada, perpassados por tentativas, erros e reformulações, dado que o diálogo com os trabalhadores freqüentemente exigia que colocássemos à prova nossa sensibilidade, no intuito de conhecer suas tomadas de posição, mas também de respeitar seus anseios em relação ao trabalho educativo que faziam.

As narrativas apareciam como estratégias freqüentes (individuais ou coletivas) na 'reorganização' dos sujeitos, elaborando e re-elaborando suas atividades e suas opiniões nas conversas de intervalo, nas reuniões, ou nas entrevistas com pesquisadores.

Nesse contexto, centrando a escrita em exemplos de apropriações metodológicas, vale destacar alguns de nossos artifícios metodológicos. Numas das primeiras conversas com a coordenadora pedagógica do CPCA, em outubro de 2005, buscávamos saber do organograma institucional, visando uma descrição preliminar do conjunto de trabalhadores e atividades desenvolvidas. Naquele momento, porém, dada a inexistência de um documento formal, aproveitamos a oportunidade para deixar que ela desenhasse o esquema a seu gosto, para ver como se expressaria. Eis que o desenho não se reportava estritamente a um organograma convencional. Tomamos a iniciativa, então, de pedir o mesmo para os demais coordenadores ao final das entrevistas individuais. Cada diagrama apresentava uma configuração diferente, mas também era possível vislumbrar características comuns (na forma e no conteúdo). Tínhamos, dessa forma, um registro para refletir as hierarquizações e prioridades estabelecidas pelos gestores quando se referiam às relações internas no CPCA.

Em outra situação, na fase de devolução de entrevistas no segundo semestre de 2007, solicitamos aos entrevistados que nos explicassem o que haviam desenhado, para que não impuséssemos leituras simplesmente. Foi uma forma interessante para a construção das interpretações dos sujeitos sobre suas relações de trabalho, complementando outras técnicas, esboçando singularidades e qualificando o processo reflexivo no momento de devolução.

Outro artifício metodológico foi desenvolvido quando da elaboração dos roteiros de entrevista, ainda em dezembro de 2005. Partimos das notas em diário de campo, elencando uma série de perguntas sobre: história do CPCA; compreensão dos coordenadores sobre sua relação com ONG e aprendizagens daí resultantes; opiniões sobre temas relativos ao contexto (Estatuto da Criança e

do Adolescente, atuação estatal, características do bairro, etc.); e trajetória do educador no trabalho.

No intuito de provocar depoimentos abertos, compusemos o roteiro fazendo uso do que passamos a denominar ‘palavras-chave’, associadas a questões auxiliares a serem utilizadas mediante a necessidade de esclarecimentos. Mantivemos, assim, uma sistemática de diálogo pouco estruturado, alicerçada em categorias daquela coletividade, tendo apenas algumas bases para manter o foco da conversa. As palavras-chave eram expressões conhecidas dos trabalhadores: ‘CPCA’, ‘Lomba do Pinheiro’; ‘trabalho’; ‘educando’; e ‘comunidade’.

Seguimos a construção de narrativas utilizando técnicas aprendidas com Villasante (2002). Nos meses de janeiro de 2006 e de 2007, construimos (entre educadores e investigador) sociogramas sobre o tema ‘assistência a crianças e adolescentes’, tendo como delimitação geográfica a região da Lomba do Pinheiro.

De um lado, a reunião trouxe a interpretação dos trabalhadores sobre que sujeitos sociais atuam na área de abrangência de atendimento da ONG, distribuídos num plano conforme eixos de ‘poder de influência político-econômica’ e ‘afinidade com a proposta educativa-assistencial’ do CPCA². Assim, foram situadas associações de bairro, educandos, pais de educandos, gestão municipal, escolas, outras ONG, dentre outros. De outro lado, a construção do sociograma evidenciou conflitos, disputas e hierarquias entre os coordenadores da organização, enunciando relações de poder que possuíam um componente de gênero - entre outras variáveis³.

Utilizamos também a técnica de fluxograma (individual e coletivamente) para que se complementassem depoimentos explicativos sobre os problemas do trabalho. Trata-se do uso de uma planilha onde se descrevem situações-problema do trabalho, tendo dois eixos de distribuição: tipos de problemas; e nível de autonomia que o sujeito elaborador possui

para resolvê-los (SOCAS, 2005). Na seqüência, se prioriza quais seriam os problemas mais críticos e a relação entre eles no andamento dos serviços. Assim, podemos ter um registro (específico) de como explicam seu trabalho e dispomos, além disso, de uma base para formulação de propostas que possam contribuir ao trabalho dos educadores⁴.

Para efeito desta pesquisa, orientamos o uso de tais ferramentas para a elaboração de narrativas pelos sujeitos, complementando os depoimentos de entrevistas e conversas informais. Desta forma, estimulamos edições individuais seguidas de produções coletivas. Apesar das reduções que o uso de tais diagramas pudessem trazer, também optamos por utilizá-los para criar certa ambiência reflexiva para contribuições ao planejamento educativo. Como expressão de compreensões coletivas, os resultados de nossos encontros sistematizaram informações que poderiam ser usadas conforme os interesses dos sujeitos.

As técnicas utilizadas fortaleceram possibilidades de trabalharmos contrastes entre as singularidades e entre estas e o todo que construímos na caminhada. A associação de técnicas, ora conduzidas de maneira mais objetiva e formal (entrevistas com a presença de gravador, por exemplo), ora mais informais e contingenciais (como as conversas no almoço), mostraram-se complementares, possibilitando que visualizássemos contradições nas tomadas de posição dos trabalhadores.

Além disso, o contraste entre depoimentos de sujeitos atuantes em posições diferentes (coordenadores, educadores, lideranças comunitárias, etc.), assinalou a importância de considerarmos o lugar de quem se expressa, reconhecendo limitações das narrativas e adensando caracterizações na/pela diferença. A leitura comparada das entrevistas com educadores do CPCA, por exemplo, na mesma medida que evidenciava os conflitos existentes no ambiente de trabalho, enunciava as peculiaridades de se ocupar uma posição específica entre as atividades de educador social.

Foi significativo para investigação considerarmos as categorias próprias dos sujeitos quando explicavam seu cotidiano. Tais categorizações traziam informações entrelaçadas a interpretações sobre o contexto, a importância do trabalho e as razões para agir no mundo, explicitando tomadas de posição. As narrativas, se problematizadas no conjunto, enunciavam também características do lugar onde trabalhavam, que podemos associar a leituras sobre a história da comunidade próxima e do campo de ação, exercitando teórica e metodologicamente uma relação parte-todo. Dispomos, abaixo, citações de educadores, as quais podem exemplificar o que tentamos expressar aqui (a partir de grifos em itálico):

[...] *A necessidade do outro é um imperativo pra gente. Isso é um princípio, é de um pensador alemão, mas ele é um princípio franciscano também né. São Francisco de Assis, na época dele, quando viveu, ele foi atender exatamente aqueles que não podiam nem entrar na cidade [...]* (Educador social adm.fin. - Dez/2005)

[...] embora muitas pessoas aqui não gostem dessa palavra ‘cuidar’, que a gente está aqui para educar e não para cuidar. Para mim, *cuidar tem uma amplitude assim que inclui o educar também: cuidar as crianças que mais têm necessidade assim de um cuidado, que mais são negligenciadas assim [...]* (Educadora SASE – Nov/2006)

[...] eu tô no CPCA há 25 anos já. Lembro que o Frei Bruno me perguntou se eu não queria trabalhar aqui pra ensinar corte e costura. Eu aceitei e tô aqui até hoje [...] O CPCA pra mim é

uma segunda casa. O trabalho dos freis é muito importante. Eles tão *sempre me apoiando a estudar e tô fazendo faculdade agora*. Não é fácil [...] (Educadora mais antiga – Nov/2006)

[...] era bem diferente a estrutura na época em que eu cheguei, assim [em 2002]. *A gente não trabalhava com SASE*. Era diferente. Era apoio educativo, era outro esquema, né [...] Eu trabalhei na parada 15 até me oferecerem a coordenação do SASE. Daí eu vim pra cá e isso faz três anos [...] (Coord. Pedagógica – Nov/2005)

[...] as meninas querem ficar com o *traficante*, que tem uma arma [...] aí, ela é mulher de quem tem poder, mas que, por outro lado, é *diferente do 'playboy'*, porque o *traficante faz seu dinheiro* [...] (Técnica assistência do bairro – Jan/2007)

[...] O CPCA está mais à frente que ao lado da gente aqui na comunidade. Para mim, precisamos de um *centro comunitário que congregue independente de religião, partido e etc.* [...] (Radialista comunitário – Jan/2007)

4.1.2. Enfim, uma narrativa do campo de ação

Diante do exposto até aqui, apresentamos resultados de nosso itinerário empírico de forma resumida. As tomadas de posição em foco, associadas ao trabalho de educador social, como processos tensionados entre a prática da acolhida e a busca da emancipação do educando. Isto é, as pessoas com quem dialogamos distinguiam-se por sua

militância pelo bem-estar de crianças e adolescentes, mas também pela angústia de conviver com a violência e a vulnerabilidade social; tensão essa articulada a filiações e crenças religiosas e/ou a vínculos afetivos com colegas, então descritos como grupo diferenciado, determinado. Falamos de corporeidades discretas, contidas até, usando vestimentas sóbrias, com gestualidades afetuosas e com um olhar amoroso, mas muitas vezes resignado.

Neste ínterim, articulamos a produção de tais identidades à construção de tomadas de posição engendradas em um campo (educação-assistência) perpassado por discursividades religiosas, expressas na atuação franciscana, mas também na associação histórica entre igrejas e assistência social (Martinelli, 1993). Um espaço social organizado desde uma condição de gênero, como outros lócus vinculados às chamadas profissões do cuidado (Carvalho, 1994). Relações construídas na tensão com saberes e ideais profissionais mais recentes da pedagogia, da psicologia e do serviço social, que adentram o campo sobretudo nos anos 1990 e passam a tensionar práticas assistenciais religiosas, embora também se imbuam de certa “tarefa messiânica” no resgate dos educandos.

Concebemos as tomadas de posição situadas nessas linhas de disputa relacionais, de forma que os educadores sociais do CPCA, entre outros sujeitos a compor o campo, ocupariam lugar de poder intermediário, a postular saberes técnicos (pedagógico-assistenciais) em uma rede institucionalizada, na qual as lideranças comunitárias e os usuários tem pouco espaço à participação efetiva hoje, mas com a qual não perdem vinculação por necessidade ou crença religiosa. Poder esse a ser ponderado, ainda, pela condição de gênero, a favor dos homens que administram a organização.

5. Considerações e provocações finais: sobre pesquisas, lugares e temporalidades

Neste desenhar de uma tomada de posição investigativa sensível aos entrelaçamentos e criatividade produzidos no cotidiano de um coletivo de educadores sociais, a 'narrativa' se constituiu uma categoria metodológica congruente ao nosso propósito epistemológico de uma pesquisa reflexiva.

Ao final da pesquisa que nos alicerça neste texto, tomamos como horizonte buscas investigativas que partissem do cotidiano, dos saberes produzidos na localidade, passando a análises sobre as elaborações dos sujeitos e seu lugar no sistema (capitalista) que vivemos, ao contemplar discursos sociais múltiplos (religiosos, profissionais, econômicos, culturais, etc.) e as relações de poder que engendram. E assim, de posse de narrativas acadêmicas que oportunizem aos sujeitos da pesquisa visualizarem outra maneira de enunciar a realidade, imaginamos explicitar filiações e contradições constituintes de suas práticas e, quem sabe, contribuir ao processo reflexivo junto às atividades de educadores.

O conjunto de depoimentos e ações do sujeito foi visualizado como uma tomada de posição que engendra uma interpretação de seu contexto e mundo, como um todo explicativo fundante para o mesmo, ainda que possamos reconhecer a provisoriedade de seus posicionamentos. Concebemos a narrativa, de um lado, como depoimento pessoal, contrastante com informações percebidas do contexto mais amplo, e, de outro, como expressão de discursos sociais, integrando as condições de poder de um campo.

Assim, imaginamos ter apropriado um artifício para pesquisar a formação de trabalhadores num ambiente social perpassado pela ênfase na circulação de informações, pelo descentramento de estruturas sociais e por dinâmicas reflexivas construídas pelos sujeitos a partir daí.

Neste ínterim, lembramos o lugar do pesquisador, também a produzir narrativas, desde uma perspectiva específica e uma condição de poder peculiar. Quando enunciemos cotidianos, pautamos nosso trabalho investigativo pelo pressuposto de que é preciso compreender também o lugar de quem narra a pesquisa.

A questão considerada, aqui, diz respeito à racionalidade e ao tempo que organiza nossas práticas de pesquisa: conhecer os domínios explicativos em diálogo e reconhecer relações de poder e categorizações que acabamos impondo. Muitas vezes, o trabalho do pesquisador encontra-se atrelado a instâncias institucionais, que pautam ritmos e resultados (via determinação de financiamentos e exigências de produtividade), respondendo a objetivos administrativo-burocráticos e político-econômicos diferentes e divergentes do fluir necessário ao pesquisar reflexivo, voltado à compreensão das formas de organização das comunidades com as quais dialogamos.

Quando estamos em campo, podemos observar relações diferentes com o tempo. Muitas das disputas e das barganhas políticas que tivemos oportunidade de presenciar na Lomba do Pinheiro por ocasião da pesquisa tendiam a acordos que integravam o que definiríamos como tratativas de curto e longo prazo. Orientados ao atendimento parcial de necessidades imediatas, os compromissos continham uma espécie de promessa tácita de novas conquistas. Representantes políticos locais e moradores combinavam alianças e cumplicidades, organizando o tempo de produção de suas vidas de uma maneira diferente, por exemplo, da acumulação individual oriunda da carreira no trabalho assalariado. Esta situação, como outras possíveis, traz uma realidade cuja compreensão necessitaria de imersão comunitária, demandando interação e dedicação reflexiva intensas.

O tempo sob o qual a investigação acadêmica é organizada pode configurar um artifício de poder e, mesmo com intenções emancipatórias, realizações associadas a funcionamentos institucionais lineares e produtivistas tendem a oferecer limites políticos e epistemológicos que precisamos reconhecer.

6. Referências

- BATISTA, Sandra. Formação. In: FAZENDA, Iara. (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 135-140.
- BOURDIEU, Pierre. **El oficio de sociólogo**. Madrid: Siglo Veintiuno, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **Você disse “popular”?** Revista Brasileira de Educação, n. 1, p. 16-26, jan-abr/1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas** - sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.
- BRANDÃO, Carlos. Do número ao nome, do caso à pessoa, da solidão à partilha. In: BRANDÃO, Carlos. **A pergunta a várias mãos**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 31-109.
- CARVALHO, Maria. Educadoras e mães de alunos: um (des)encontro. In: BRUSCHINI, Cristina (Org.). **Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1994, p. 133-158.
- CASQUETTE, Jesus. Alberto Melucci: el sociólogo como desvelador de paradojas. In: MELUCCI, Alberto. **Vivencia y convivencia: teoría social para una era de la información**. Madri: Trotta, 2001, p. 09-23.
- DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 01, p. 117-136, jan-jun/2002.
- FISCHER, Nilton. Movimentos sociais e educação: uma reflexividade

instituinte. In: GANDIN, Luis (Org.). **Educação em tempos de incertezas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 163-186.

FONSECA, Tania. **Gênero, subjetividade e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2000.

IANNI, Otávio. **Variações sobre arte e ciência**. Tempo Social – USP, São Paulo, v.16, n. 01, p. 07-23, jun/2004.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARTÍN, Pedro. Mapas sociales: método y ejemplos prácticos. In: VILLASANTE, Tomás (Coord.). **Prácticas locales de creatividad social**. Madrid: El Viejo Topo, 2003, p. 91-114.

MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

MELUCCI, Alberto. **Vivencia y convivencia: teoría social para una era de la información**. Madri: Trotta, 2001.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar. **Ciencia con consciencia**. Barcelona: Anthropos, 1982.

MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

OLIVEIRA, Ivone (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SOCAS, Josias. La técnica del fluxograma: apuntes desde la práctica. In: VILLASANTE, Tomás (Coord.). **Escola de Cidadania - textos**. Porto Alegre: ONG Cidade, 2005, p. 40-62.

VILLASANTE, Tomás. **Redes e alternativas: estratégias e estilos criativos na complexidade social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

7. Notas

¹ Referência à noção utilizada por Morin (2001), o ‘holograma’ seria uma metáfora para reflexão a respeito da visualização do todo nas partes. Assim, o Centro de Promoção da Criança e do Adolescente (CPCA), organização escolhida à época da pesquisa, condensava características recorrentes ao campo educativo-assistencial de crianças e adolescentes, que, no nosso entendimento, eram: proximidade à organização comunitária; influências de saberes do campo institucional religioso; articulação a processos recentes de profissionalização do quadro de funcionários; e interação com propostas empresariais de investimento na área social.

² Mais informações sobre elaboração de sociogramas, ver Martín (2003).

³ A atuação de educadores e educadoras no CPCA demonstrava uma divisão entre homens e mulheres nas atividades de gestão: estas se dedicavam mais intensamente ao cuidado das crianças e ao atendimento de casos considerados problemáticos, sob o cargo de coordenação pedagógica; aqueles ocupavam cargos de administração financeira e direção geral, respondendo a demandas institucionais relativas à manutenção da proposta educativo-assistencial. Assim, condição aproximada ao identificado para as “profissões do cuidado” (FONSECA, 2000).

⁴ Cabe aqui, ainda, uma ressalva metodológica importante. As pesquisas conduzidas por Tomás Villasante, filiadas à investigação-ação, têm como intuito mobilizar os sujeitos de diálogo a participarem na condução política de suas comunidades.